

JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos

Premiada com a medalha de prata na Exposição Industrial do Porto em 1897

IMPRESSA Á CUSTA DO ESTADO

A importancia total da venda d'esta publicação reverte a favor das «Offeinas Branco Rodrigues»
instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide

<p>REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p>	<p>REDACTOR BRANCO RODRIGUES</p>	<p>PREÇO DO VOLUME Por anno—12 numeros 500 réis</p>
--	---	---

OS CEGUINHOS

A importante folha portuense *O Primeiro de Janeiro* publicou o seguinte artigo no seu numero de 22 de outubro ultimo:

A fêrvida admiração que, na Exposição Industrial installada no Palacio causaram os trabalhos dos cegos ensinados pelo methodo de que Branco Rodrigues tem sido o benemerito e ardente propagandista, dá uma actualidade interessantissima a um capitulo do adoravel livro de Amicis, *Cuore*, que a infancia italiana lê como texto das escolas.

Bernardo Lucas, o illustre caudico e talentoso escriptor, teve a gentileza de traduzir esse capitulo expressamente para o nosso folhetim de hoje. Ahi apresentámos essa pagina tocantissima, a que a recente exhibição, no Palacio, dos ceguinhos de Castello de Vide, dá um novo e intenso enternecimento.

Ao nosso insigne amigo agradecemos a amabilidade que proporciona aos leitores do *Primeiro de Janeiro* um trecho que é um encanto de alma, sendo um primor de litteratura:



OS CEGUINHOS

Traduzido de Edmondo di Amicis, em honra do sr. Branco Rodrigues

Está muito doente o nosso mestre, e por isso em lugar d'elle veio um que já esteve no asylo dos cegos; é muito velhinho, tem o cabello tão branco que parece que traz uma cabelleira de algodão em rama, e falla assim como se cantasse uma cousa triste; mas falla bem e sabe muito. Logo que entrou na aula, vendo um menino com uma atadura sobre um olho, foi ao pé d'elle e perguntou-lhe o que tinha.

— «É preciso ter cuidado com os olhos», disse elle.

E então Derossi perguntou-lhe:

— «Sempre é verdade que o senhor foi mestre dos cegos?»

— «Fui, muitos annos» — respondeu.

E Derossi disse a meia voz: «Se nos fizesse o favor de nos contar como era...»

O mestre foi sentar-se no seu logar.

Coretti disse alto: — «O asylo dos cegos é na rua Nizza.»

— «Os meninos dizem cegos... cegos — principiou o mestre — como diriam doentes ou pobres ou cousa assim. Mas sabem bem o que essa palavra significa? Pensem um bocadinho. Cegos! Não vêem nada, nunca! Não distinguem o dia da noite, não vêem o céu, nem o sol, nem os proprios paes, nada do que teem em volta de si e que podem tocar; vivem immersos n'uma escuridão perpetua e como que sepultos nas entranhas da terra! Experimentem um pouco fechando os olhos e pensando que haviam de ficar assim para sempre! Não sentem uma inquietação, um terror, não lhes parece quasi impossivel resistir, e que começarão a gritar e enrouquecerão ou morrerão? Todavia... pobres ceguinhos, quando se entra pela primeira vez no asylo, durante o recreio, ouvindo-os a tocar rebeca e flauta por toda a parte, a fallar alto e a rir, subindo e descendo as escadas com desembaraço, e andando lesto pelos corredores e dormitorios, ninguém diria serem os infelizes que são. É preciso observa-los bem. Ha alguns, de dezeseis a dezoito annos, robustos e alegres, que supportam a cegueira com uma certa indifferença, quasi com coragem; mas percebe-se bem, no ar frio e severo d'aquelles rostos, que devem ter horrorosamente soffrido antes de se resignarem á sua desventura. Ha outros, rostos pallidos e suaves, onde se lê

uma grande resignação, mas triste, e adivinha-se que algumas vezes devem chorar ainda, em segredo. Ah! meus bons meninos! Lembrem-se de que alguns d'elles perderam a vista dentro de poucos dias, que outros a perderam depois de alguns annos de martyrio e de operações terriveis, e que muitos nasceram assim, n'uma noite que para elles nunca teve aurora, e entraram no mundo como n'um immenso tumulo, e ainda agora não sabem como é o rosto humano! Imaginem quanto elles devem ter soffrido e quanto devem soffrer ainda, ao pensarem, confusamente, na differença espantosa que ha entre elles e os que teem vista, e quando a si mesmo perguntarem: «Mas porque esta differença, de que não temos culpa?» — Eu, que vivi muitos annos com elles, quando me recordo d'aquella aula, de todos aquelles olhos fechados para sempre, d'aquellas pupillas sem olhar e sem vida, e depois olho aqui para os meninos... parece-me impossivel que todos aqui não sejam felizes. Olhem que ha cerca de vinte e seis mil cegos na Italia! Vinte e seis mil pessoas que não vêem a luz, notem bem; um exercito que levaria quatro horas a desfilar diante da gente!»

O mestre calou-se; não se sentiu a respiração de ninguem. Derossi perguntou se era verdade que os cegos tinham o tacto mais apurado do que nós.

O mestre disse: — «É verdade. Todos os outros sentidos se apuram nos cegos, porque, tratando de supprir, pela sua combinação, a falta da vista, teem mais e melhor exercicio do que os das pessoas que vêem. Pela manhã, no dormitorio, pergunta um: «Está sol?», e o que se veste mais ligeiro corre logo ao quintal, começa a agitar as mãos no ar para ver se sente o calor do sol, e corre a dar a boa noticia: «Ha sol!» Pela vcz de uma pessoa fazem idéa da sua estatura. Nós julgâmos do animo de um individuo pela vista, elles pela voz; lembram-se, durante annos, das entoações e do modo de fallar. Conhecem se n'uma sala ha mais de uma pessoa, e se é uma só que está a fallar, e se as outras estão quietas. Sabem, pelo apalpar, se uma colhér está bem ou mal limpa. As meninas distinguem a lã de côr, da lã branca. Quando sâem à rua, dois a dois, conhecem todas as lojas pelo cheiro, mesmo aquellas em que a gente não sente cheiro algum. Jogam o pião, e só pelo zunido d'elle approximam-se e aparam-n'o. Correm o arco, saltam na corda, constroem casinhas com pedras, colhem violetas como se as vissem, fazem esteiras e cestos, entrançando palha de diversas côres, com desembaraço e bem: tanto teem o tacto exercitado! O tacto é a vista d'elles: um dos maiores prazeres que sentem é tocar, apertar, adivinhar a fôrma

dos objectos, apalpando-os. É commovente, quando os levam ao museu industrial, onde os deixam tocar em tudo, ver o entusiasmo com que pegam nos corpos geometricos, nos modelos de casas, nos instrumentos, a alegria com que apalpam e percorrem, voltam nas mãos todas as cousas, para *verem* como ellas são. Elles dizem *ver!*»

Garoffi interrompeu o mestre para lhe perguntar se era verdade que os meninos cegos aprendem a fazer contas mais depressa que os outros.

O mestre respondeu:— «E' verdade meu menino. E aprendem a ler. Teem livros feitos de proposito, com letras em relevo; passam os dedos por cima d'ellas, conhecem as letras e dizem as palavras; lêem depressa. E é curioso ver, coitaditos, como se envergonham quando se enganam. E tambem escrevem, sem tinta. Escrevem n'um papel grosso e rijo com um ponteiro de metal, que faz uns pontinhos furados e dispostos, segundo um alfabeto especial; esses pontinhos ficam em relevo nas costas do papel, de modo que, voltando a folha e passando-lhe os dedos por cima, elles podem ler o que escreveram, assim como a escripta dos outros; e tanto que fazem composições e escrevem cartas uns aos outros. Da mesma fôrma escrevem algarismos e fazem contas. E calculam de cór, com uma facilidade incrível, não se distrahindo como nós com o que os cerca. E como gostam de ouvir ler, como estão attentos, como tomam sentido em tudo, como discutem, mesmo os pequenitos, sobre assumptos de historia e de grammatica, sentados quatro ou cinco no mesmo banco, sem estarem voltados uns para os outros, e conversando o primeiro com o terceiro, o segundo com o quarto, em voz alta e todos ao mesmo tempo, sem perderem uma unica palavra, de tanto que teem o ouvido fino e prompto! E importam-se mais, creiam, com os exames do que os meninos, e ganham mais affeição aos seus mestres. Reconhecem o mestre pelo andar e com o olfacto; sabem quando elle está bem ou mal humorado, se está de saude ou doente, e isto só pelo tom de uma palavra sua; gostam de que o mestre lhes toque, se os anima e elogia; e apalpam-lhes as mãos e os braços para lhe exprimirem a gratidão. E dão-se bem entre si, são bons companheiros. Á hora do recreio juntam-se quasi sempre os mesmos. Na secção das meninas, por exemplo, formam tantos grupos quantos os instrumentos que tocam; assim ha as violinistas, as pianistas, as flautistas, e nunca se separam. Quando se affeioam a uma pessoa, é difficil deixarem-n'a. Encontram na amisade um grande prazer. Julgam-se com rectidão; teem um conceito claro e profundo do bem e do

mal. Ninguem se enthusiasma, como elles, ao narrar uma acção generosa ou um factu grandioso».

Votini perguntou se tocavam bem.

—«São doidos pela musica, respondeu o mestre. A sua alegria, a sua vida estão na musica. Ha pequeninos, acabados de entrar no asylo, que são capazes de estar tres horas parados a ouvir tocar. Aprendem com facilidade, executam com paixão. Quando o mestre diz a algum d'elles que não tem geito para a musica, aquelle a quem isto é dito, sente uma grande mágua, mas põe-se a estudar desesperadamente. Ah! se os meninos lhes ouvissem a musica, se os vissem quando tocam de frente erguida, com o sorriso nos labios, inflammado o rosto, tremulos de commoção, quasi extaticos a escutar aquella harmonia que espalham na escuridão infinda que os cerca, como sentiriam quanto a musica é uma consoladora divina! E rejubilam, resplendem de felicidade quando o mestre lhes diz: «Serás um artista!» Para elles, o primeiro na musica, o que consegue distinguir-se de todos no piano ou no violino, é como um rei; amam-n'ò, veneram-n'ò. Se surge uma contenda entre quaesquer, vão a elle que a resolva; se dois amigos se indispõem, é elle quem os reconcilia. Os mais pequenitos, a quem elle ensina a tocar, respeitam-n'ò como a um pae. Antes de se irem deitar, vão dar-lhe as boas noites. E fallam continuamente de musica. Às vezes estão deitados, tarde já, quasi todos cansados pelo estudo e pelo trabalho, e meio adormecidos. . . e ainda conversam em voz baixa a respeito de operas, de musicos, de instrumentos, de orchestras. E é um castigo tamanho tirar-lhes a leitura ou a lição de musica, soffrem tanto com isso, que a gente quasi não tem coragem de os castigar d'aquella fôrma. O que a luz é para os nossos olhos, é a musica para o seu coração».

Derossi pergunta se se podia ir vel-os.

—«Póde, respondeu o mestre; mas para os meninos é cedo ainda. Irão lá um dia, quando puderem avaliar toda a grandeza d'aquella desventura, e sentir toda a compaixão, que ella merece. É um espectáculo triste, meus filhos. Vêem-se lá ás vezes rapazinhos sentados a uma janella aberta, gosando a frescura do ar, com o rosto immovel, que parecem olhar a grande planura verde e as bellas montanhas azues que d'aqui vemos. . . e ao pensar a gente que não vêem nada d'isso, que nunca verão cousa alguma d'aquella numerosa belleza, confrange-se-nos a alma como se ali mesmo acabassem de cegar. E ainda assim os cegos de nascença fazem menos pena, porque

nunca tendo visto o mundo, de nada teem saudades. Mas ha creanças cegas de ha poucos mezes, que se lembram ainda de tudo, que comprehendem bem tudo que perderam, e estas teem a mais a dôr de sentir apagar-se-lhes, um pouco cada diâ, as suas imagens queridas, de sentir como que morrer-lhes na memoria as pessoas que mais amam. Uma d'estas creanças dizia-me uma vez com uma tristeza inexprimivel:

—«Só queria ter ainda vista, um momento apenas, para tornar a ver o rosto da mamã, porque me não recordo d'elle!»

E quando a mãe vae visital-os, põem-lhe as mãos no rosto, apalpam-n'a bem desde a testa ao queixo, de uma orelha á outra, para notarem como ella é, e quasi chegam a esquecer-se de que a não vêem, e chamam por ella muitas vezes, como que a pedir-lhe que se deixe ver, que os deixem vel-a uma vez só! Quantos ha, mesmo homens de coração duro, que saem d'ali chorando!

E quando saimos parece que somos uma excepção, e que é um privilegio immerecido vermos a gente, as casas, o céu! Ah! nem um só dos meninos, estou certo, ao sair de lá, deixaria de sentir o desejo de tirar um pouco da propria vista, para poder dar uma claridade sequer áquellas infelizes creanças, para quem o sol não tem luz e a mãe não tem rosto!»

BERNARDO LUCAS.

A EXPOSIÇÃO DO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO

Completâmos hoje o extracto do que os jornaes do Porto escreveram ácerca dos cegos de Castello de Vide.

Do «Jornal de Noticias»

Os cegos de Castello de Vide, continuam sendo alvo da curiosidade e das sympathias do publico, tornando-se até muitas vezes difficil aos pobresinhos satisfazer a todas as perguntas e pedidos, que lhes fazem, com a promptidão desejada.

O resultado da venda do *Jornal dos Cegos* foi hontem de 25\$800 réis.

Os cegos apresentar-se-hão hoje de tarde e á noite.

No ultimo domingo os visitantes da exposição tiveram ensejo de assistir a uma scena, que se tornou deveras emocionante, por se tratar como que

de um torneio de instrucção entre dous grupos de rapazes a quem faltavam os sentidos que mais indispensaveis são á creatura humana. De um lado estavam os cegos das Officinas Branco Rodrigues e do outro os surdos-mudos do Asylo Araujo Porto. O sr. Branco Rodrigues e os cegos interrogaram os mudos sobre diversas operações arithmeticas, ora dirigindo-lhes a palavra, que estes comprehendiam pelo movimento dos labios, ora escrevendo as perguntas, que elles liam perfeitamente, e a que egualmente respondiam escrevendo e mesmo fallando, porque, como se sabe, alguns dos surdos-mudos, graças a um systema especial de ensino, que chega a ser prodigioso, começaram por articular monosylabos e já agora pronunciam phrases inteiras.

Este episodio, presencado por muitas pessoas, em extremo as interessou.

Do «Primeiro de Janeiro»

Como se noticiára, foi hontem o ultimo dia em que os cegos de Castello de Vide se apresentaram. A curiosidade despertada pelos seus extraordinarios trabalhos, longe de diminuir, augmentou, estando as suas mesas continuamente cercadas de visitantes.

Do «Jornal de Noticias»

O sr. José Baptista Vieira da Cruz, director gerente da Sociedade do Palacio de Crystal, entregou hontem aos srs. Branco Rodrigues e rev. Severino Diniz Porto a quantia de 360\$000 réis, importancia liquida da venda das collecções do *Jornal dos Cegos* e dos donativos com que os visitantes da exposição industrial quizeram mostrar o seu reconhecimento pela boa vontade e modo captivante como os cegos satisfaziam a todas as perguntas e pedidos que lhes eram dirigidos, principalmente com respeito á inscripção dos nomes d'esses visitantes em cartões, e que para todos elles ficou constituindo uma agradavel recordação dos alumnos das escolas e Officinas Branco Rodrigues. Os cegos retiraram hontem para Castello de Vide, tendo ido despedir-se dos directores e recolhidos do Instituto de Surdos-Mudos Araujo Porto e da Officina de S. José. N'esta ultima, a despedida foi affectuosissima e commovente, assistindo a ella o insigne orador sagrado rev. conego dr. Alves Mendes, que manifestou profunda admiração ante as provas de adiantamento intellectual dos cegos.

A banda da Officina tocou o hymno nacional e foram levantados vivas entusiasticos ao rev. Sebastião de Vasconcellos, ao rev. Severino Porto, professor dos cegos, e ao sr. Branco Rodrigues, dedicado propagandista do ensino dos cegos em Portugal. O entusiasmo de quantos assistiram a esta scena attingiu o seu auge, quando o rev. Sebastião de Vasconcellos entregou a bandeira portugueza a um dos cegos, que a abraçou com effusão.

Da «Vida Moderna»

Já retiraram para o seu asylo em Castello de Vide os quatro cegos que durante quinze dias exhibiram os seus trabalhos scientificos e manuaes na exposição industrial do Palacio de Crystal.

Como se sabe esses trabalhos foram aqui devidamente apreciados, sendo alvo dos mais rasgados elogios o reverendo padre Severino Porto, que os acompanhava e tem sido o seu desvelado professor, bem como o nosso amigo Branco Rodrigues, iniciador das officinas, e que é o mais obstinado propulsor do ensino dos cegos no nosso paiz.

Aqui durante a estada dos alumnos na exposição venderam-se Jornaes dos Cegos na importancia de 373\$000 réis, sendo crescido o numero de assignaturas obtidas, continuando a venda do jornal e recebimento de assignaturas no recinto da exposição.

Consta-nos que ha aqui uma forte corrente em favor de uma instituição identica n'esta cidade, e por certo quem a levasse a effeito seria considerado como mais um benemerito, e ninguem melhor que a actual mesa da misericordia o poderia fazer, certos que na presente occasião seria facil obter os donativos precisos para a sua installação, porque todos ficaram bem impressionados com os resultados obtidos.

O «JORNAL DOS CEGOS» E AS «OFFICINAS BRANCO RODRIGUES»

PREMIADAS NA

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DO PALACIO DE CRYSTAL

As obras de cesteiro das «Officinas Branco Rodrigues», obtiveram na Exposição do Palacio de Crystal a medalha de cobre.

Ao *Jornal dos Cegos* foi conferida a medalha de prata.